

Música
25 fevereiro 2012

Periplus

Deambulações luso-gregas
de Amélia Muge e Michales Loukovikas

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Direção musical Amélia Muge e Michales Loukovikas

Voz e guitarra braguesa Amélia Muge **Voz, acordeão, percussão e guitarra** Michales Loukovikas

Contrabaixo António Quintino **Piano, teclados e percussão** Filipe Raposo

'Ney' e flauta de bisel Harris Lambrakis **Percussão** José Salgueiro **Violino e viola** Kyriakos Gouventas

Clarino, kaval, zurna e voz Manos Achalinotopoulos **Guitarra portuguesa** Ricardo Parreira

Convidados especiais Outra Voz (Coro criado no âmbito de Guimarães Capital da Cultura pela Área da Comunidade) **Captação sonora e interação instrumental** José Martins

Desenho de luz Manuel Mendonça **Video Imagens e Guião** Amélia Muge **Montagem** José Martins

Produção Culturgest/UGURU **Apoios** Guimarães Capital Europeia da Cultura, Sociedade Portuguesa de Autores, Museu do Fado, Câmara Municipal de Lisboa (DMC)

Sáb 25 de fevereiro

21h30 · Grande Auditório · Duração: 1h30 · M12

Programa

DOS CANTOS:

1. *Deixa brilhar* (Seikilos) ¹
2. *Canto em periplus* (Amélia Muge – A.M./Michales Loukovikas – M.L.)

DAS VOZES:

3. *Cântico do país emerso* (Natália Correia / A.M.) ²
4. *Palavra dada*
Hino a Némesis (Mesomedes) ³
Syrtós cretense (Trad.)
Cantiga de rega (Trad. A.M./Trad.)
Pragas (A.M.)

DOS EMBALOS:

5. *Canção de embalar* (Ares Alexandrou / M.L.) ⁴
6. *Dorme, dorme* (A.M.)

DOS AMORES:

7. *A folha da rosa* (Trad.)
8. *Da folhinha de uma rosa* (Trad.)

DA ALMA:

9. *Se o lamento apenas fosse* (A.M.)
10. *Os meus ditames* (Ares Alexandrou / M.L.)

IMPROVISO:

11. *Tempestade*

DAS ILHAS:

12. *Nota ilegal* (Ares Alexandrou / M.L.)
13. *Calma* (Fernando Pessoa – Constantine Cavafy / A.M.) ⁵

DOS CAMINHOS:

14. *Caminhos de seda* (A.M.)
15. *Caminhos pentatónicos africanos* (M.L.)
16. *Caminhos pentatónicos epiróticos* (Trad.) ⁶

DAS AUSENCIAS:

17. *Uma pena que me coube* (A.M.)
18. *Pesado como ferro* (Trad.)

DAS TASCAS E TAVERNAS:

19. *Um qualquer quê* (A.M.)
20. *Abertura da taverna* (cruzamento improvisado entre fado e rebético)
21. *Os mangas da taverna* (Panos Tountas / Trad.) ⁷

Periplus Deambulações luso-gregas

Periplus, significando circum-navegação, refere-se às antigas viagens no Mediterrâneo e para lá dele, no oceano Atlântico e Índico.

Escolhemos este termo para representar a nossa própria viagem no tempo e no espaço à volta da cultura mediterrânica e de todas as outras que floresceram através do contacto com este berço civilizacional.

Focalizámo-nos na ligação entre a música e a poesia, especialmente a dos nossos países, Portugal e Grécia. É por isso que os que vêm a bordo do *Periplus* são principalmente portugueses e gregos, embora sejamos tudo menos exclusivistas: construir pontes, abrir janelas, é o que fazemos melhor, trabalhando em conjunto, sobretudo via internet.

O nosso objetivo foi o de trabalhar a música e poesia numa contemporaneidade inspirada no comum e riquíssimo património artístico, não apenas erudito mas também popular. Assim, para lá das músicas de nossa autoria incluímos, recuando até à música e poesia grega antiga e adaptando, de acordo com a nossa sensibilidade, o *Primeiro hino délfico*, dedicado a Apolo, composto provavelmente por Athenaeus, o *Hino a Némesis* de Mesomedes e o *Epitáfio* de Seikilos.

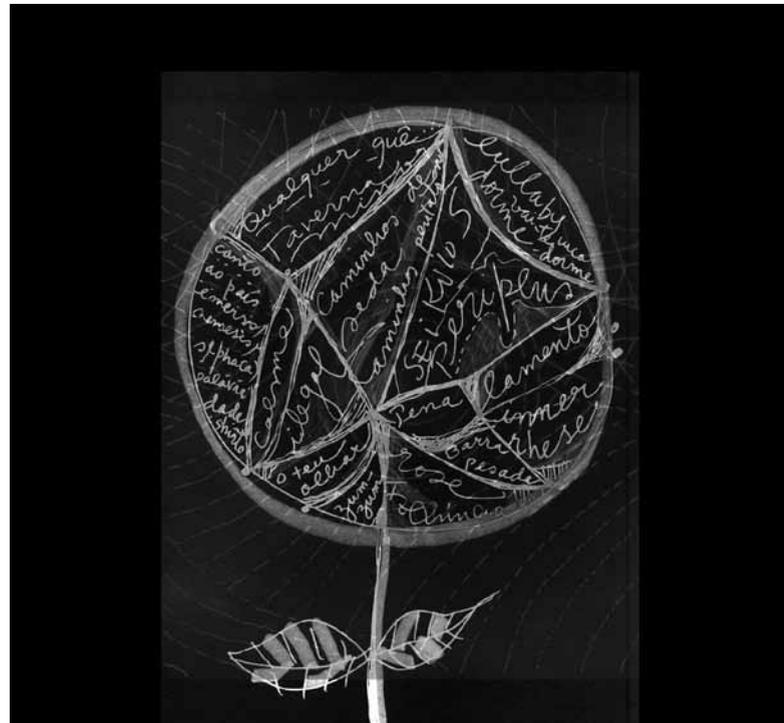
Dentro do mesmo espírito trabalhámos temas tradicionais como o português *Cantiga de rega*, o grego *Syrtós cretense*, o igualmente cretense *Pesado como ferro*, o epirótico *Meu pássaro*

emigrado e o rebético *Os mangas da taverna*, que aqui dialoga com o equivalente canto urbano português, o fado. Partindo ainda da morna de Cabo Verde aportamos nas escalas pentatónicas de África e do Épiro. Também encontramos proximidades e referências comuns nas canções de embalar e lenga-lengas de ambos os países, e uma quase idêntica lírica entre *Da folhinha de uma rosa* portuguesa e galega e *A folha da rosa*, uma canção grega oriunda da Ásia Menor.

Estão presentes poetas de que muito gostamos: Natália Correia com *Cântico do país emerso*; Ares Alexandrou com *Canção de embalar*, *Os meus ditames* e *Nota ilegal*; Fernando Pessoa com *Calma*; Constantino Cavafy com *Ítaca*; e Hélia Correia com a sua adaptação do *Epitáfio* de Seikilos, que ela canta no original grego antigo e que aqui se vai ouvir, a partir do registo feito no CD.

Temos como convidados especiais a Outra Voz, Coro de Cidadãos de Guimarães, criado no âmbito do Área da Comunidade, de Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura. Esta participação da sociedade civil é para nós crucial, no esforço de ligação entre o popular e o erudito, a tradição e a inovação, o antigo e o moderno, a grecofonia e a lusofonia, o longe e o perto.

Amélia Muge
e Michales Loukovikas



Se a música tivesse sabor...

O projecto *Periplus* (...) descreve um mar de amor.

Para nós, portugueses, devedores que somos aos legados do mar como um caminho de viagem, de descoberta mas também de perigo e de dominação, a epopeia de Amélia Muge e Michales Loukovikas oferece-nos uma oportunidade de reconciliação com a história, e a possibilidade de voltar a olhar o mar como um lugar de encontro e de partilha.

Enquanto território de criação, o *Periplus* enquadra uma visão extremamente contemporânea do que é a construção musical em parceria e de como a música congrega de facto uma dimensão de interlocução que ultrapassa as fronteiras de um mundo organizado em territórios de exclusão política. Cantar em parceria, entre músicos de diferentes lugares do mundo, aparentemente separados por oceanos, só pode acontecer porque a música é central na interlocução estética e, com isso, na interlocução cultural. E é também um outro modo de reconhecer a música como um território de todos e de ninguém, um lugar de encontro, de comunhão e de (com) paixão que ultrapassa as barreiras da língua e não necessita de adaptações.

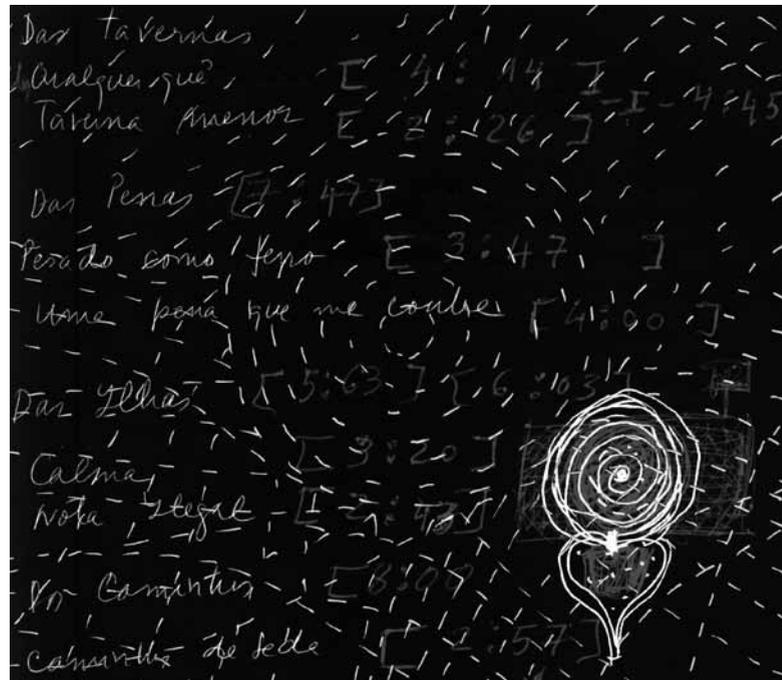
No *Periplus* encontramos sinais de muitos lugares que aprendemos a associar ao fado, ao rebético ou até aos sons de uma África urbana, aqui combinados com as vozes dos poetas e dos deuses que lhes oferecem as palavras mas não o significado. Ouvi-los é uma forma de homenagear os tantos e tantos outros

poetas que a história disfarçou de anónimo, aqui representados também pelas vozes de um coro de cidadãos de Guimarães onde o *Periplus*, simbolicamente, terá o seu epicentro no ano de 2012. E digo simbolicamente porque a centralidade da música depende sempre do modo como a fazemos acontecer quando a cantamos, quando a criamos, quando a fruímos, independentemente da língua em que se canta, das histórias que ela conta, dos suportes em que se guarda ou das circunstâncias em que ocorre. É nesse momento de interlocução, que a música faz acontecer uma realidade tão desejada, tão docemente despojada de hierarquias, confirmando um sentido emocional que atesta a natural capacidade humana para o interconhecimento e para a conciliação.

Se a música tivesse sabor, (...*Periplus*) teria o gosto de um lugar sem nome porque é esse, por direito, o lugar que a música tem. E a experiência que fez e faz acontecer o *Periplus* mostra-nos que hoje, tal como no passado, essa é uma realidade possível, guardada na intimidade do conhecimento sensível, onde se aloja o segredo para o entendimento humano.

Susana Sardo
Etnomusicóloga. Instituto de
Etnomusicologia – Música e Dança/
Universidade de Aveiro

Susana Sardo escreve de acordo com a antiga ortografia.



Notas

1. *Deixa brilhar, Seikilos:*

O *Epitáfio de Seikilos* é a mais antiga composição (notação musical e letra) encontrada completa, datada entre 200 AC e 100 DC. Este epitáfio, gravado numa lápide próximo de Éfeso (Ásia Menor) pensa-se ter sido composto por Seikilos para sua esposa, presumivelmente enterrada no local. Antes da composição aparece esta inscrição: *Eu sou um túmulo, um ícone. Seikilos me pôs aqui como símbolo eterno da lembrança imortal.* Termina com uma dedicatória: *Seikilos a Euter[pe...] vive.*

2. *Cântico do país emerso*, interlúdios: I & III. Athenaeus (?), *Primeiro hino délfico* (138-128 AC?); II. Amélia Muge, *Não sou daqui.*

Os *Hinos Délficos* são duas composições da Grécia antiga de que conhecemos apenas fragmentos. Se quanto ao segundo a data é a de 128 AC, o primeiro

que aqui utilizamos talvez tenha sido composto 10 anos antes, presumivelmente por Athenaeus. Ambos os hinos, dedicados a Apolo e escritos na pedra, teriam sido provavelmente compostos para os Jogos Píticos dedicados às artes. O primeiro hino está escrito nos modos frigio e hiperfrigio com variações.

3. *Hino a Némesis, Mesomedes:*

Némesis alada, balançando o peso da vida, deusa de negros olhos, filha da Justiça, refreando com inflexível rédea a fútil insolência dos mortais odiando a fatal arrogância dos humanos enxotando a negra inveja. Debaixo da tua roda, que gira sem parar sem deixar rasto, fazes mover a fortuna dos homens aproximando-te sem ser notada, virando com brio o pescoço. Medes sempre a vida com braços sempre cabeceando de sobrolho carregado o jugo segurando nas mãos.

Sé misericordiosa, juíza bendita, Némesis alada, balançando o peso da vida. Cantemos à deusa eterna, Némesis Vitória poderosa de longas asas infalível coadjuvante da Justiça que a arrogância humana desterras em fúria para o Tártarus.

Mesomedes de Creta foi um poeta e compositor grego do começo do séc. II, escravo libertado pelo imperador Adriano. Dele chegaram até nós dois epigramas, quinze poemas e três hinos. Estes hinos conservam a notação musical sobre o texto e são dedicados respectivamente a Némesis, à musa Calíope e ao Sol. Némesis era a deusa grega encarregada de combater os excessos (*hybris*) e o abuso do poder bem como da aplicação da justiça na distribuição da riqueza.

4. *Canção de embalar*, lenga-lengas gregas:

*Pequenina Helena sentada a chorar
Ninguém gosta dela é o que está a pensar.
Pequenina Helena sentada a chorar
Pois não tem ninguém que queira com ela
brincar.*

*Minha lua pequenina
Dá luz ao meu caminhar
Vou p'rá escola aprender
A ler bem e a escrever
Muitas coisas, grandes coisas
Que o senhor vai ensinar.*

*Voa-voa abelhinha
Vão contigo teus filhinhos
E vão também os meninos.*

Ares Alexandrou (1922-1978): Novelist, poeta e tradutor. Passou grande parte da sua vida prisioneiro (campo de concentração na Líbia, nas ilhas do exílio e prisões do Estado na Grécia), primeiro acusado de comunista e depois de desertor. Embora de esquerda, pouco tempo esteve ligado ao partido comunista o que não lhe impediu a prisão. Com a chegada da Junta Militar ao poder auto-exilou-se para Paris onde morreu. A sua novela: *A Caixa (To Kivótio)* é considerada como um clássico entre as obras do grego moderno do séc. XX. Para saber mais sobre este poeta consultar: *O Ouro do Céu*, Ares Alexandrou por Michales Loukvikas, traduzido por Amélia Muge, editado em 2011 pela Salamandra.

5. *Constantine Cavafy, Ítaca* (excertos):

*Que o teu caminho bem longo seja.
Que possas também ver chegar manhãs
de verão
Quando em alturas de deleite e regozijo
Tu fores a portos nunca antes vistos.
Em feitorias Fenícias parará
Para obteres mui raras mercadorias:
O âmbar, o coral, a madrepérola, o ébano
E perfumes sensuais de todo o género [...]
Mas não te apresses nunca na viagem.*

Constantine Cavafy (1863-1933): Poeta grego nascido em Alexandria (Egito), uma das figuras mais relevantes da literatura grega do séc. XX. Também trabalhou como jornalista e funcionário.

6. *Caminhos pentatónicos epiróticos, Meu pássaro emigrado:*



*Meu pássaro que estás tão longe
Tão queixoso*

*Terra madraستا te desfrutava
E eu a morrer de saudades*

*Que te posso mandar meu emigrado
Para essa terra estranha?*

*Mandei-te uma maçã mas apodreceu
Mandei-te um marmelo mas mirrou*

*Mandei-te também uma lágrima
Dentro de um lenço dourado*

*Mas a lágrima era quente
E o lenço queimou*

*Mandei-te também minhas penas
Com dois pássaros da noite*

*Mas a noite era tão escura
Que eles nela se perderam*

7. Os mangas da taverna:

*Estão os mangas na taverna
Cada um com sua pena
Derrete-se um p'la morena
Canta outro a uma loura
E um buzuki trina trina
A uns lindos olhos azuis*

*Paga lá uma rodada, taberneiro
Senta-te aqui; entra na farra também
P'las graças de uma menina,
Meu manga, tornei-me um beberolas*

Mangas eram figuras do submundo e relacionadas com o rebético, a que os criadores deste género também pertenciam.

Só depois do seu ressurgimento o rebético se tornou socialmente respeitável. Antes era considerado fora da lei, como aqueles que o cantavam, com a polícia prendendo os *rebetes* e partindo os seus bouzoukis. Um bom pretexto foi também a relação do rebético primitivo com a subcultura da droga.

Etimologicamente, *manga* está relacionado com um nome semelhante de origem albânica, referindo-se a grupos de guerrilheiros da era otomânica. Outros insistem que a palavra tem origem ibérica e explicam que os *mangas* eram os que tinham o hábito de não usar uma das mangas do casaco para que pudessem trazer as suas armas (pistolas ou facas) escondidas e usá-las facilmente quando necessário. A polícia costumava cortar-lhes a manga que não era vestida.



Amélia Muge

Autora. Compositora. Cantora. Instrumentista. Também formadora (Comunicação e Ensino). Também ligada à Animação Sócio-Cultural e à Formação para o Desenvolvimento (Projetos a nível local). Ligada às artes visuais, ao teatro e ao multimédia. Considera que todos os modos de ser e de estar nas artes podem ser geradores de um espaço fraterno, desejoso de encontros entre formas, conteúdos, espaços e tempos, venham lá eles de onde vierem.

Nasce em Moçambique. Estuda piano e educação musical. Termina a Universidade (Curso de História). Participa em diversas atividades culturais ligadas à música e ao teatro e em Programas de Formação para o Desenvolvimento. Leciona durante seis anos na Universidade Eduardo Mondlane (Maputo, Moçambique) nos Cursos de História e Ciências da Educação. Faz diversas formações complementares ligadas à Formação para o Desenvolvimento, Comunicação e Ensino.

Já em Portugal, frequenta os Cursos de Design, Desenho e Audiovisual no Ar.Co. Participa em diversos Programas de Intervenção Sócio-Cultural e Educativa. Faz parte do agrupamento de Júlio Pereira (1983). Participa no 1º Curso de Cinema de Animação da Fundação Gulbenkian. Colabora em bandas sonoras para peças de teatro (Teatro Laboratório de Faro), dança (Voarte) e participa em Programas de Formação para o Desenvolvimento e de Intervenção Comunitária.

Música (1991) inicia a edição contínua de trabalhos discográficos e colaborações com outros cantores nacionais – como José M. Branco e Fausto – e estrangeiros – Amancio Prada, Camerata Meiga, Ester Formosa (Espanha), Elena Ledda, Lucilla Galeazi (Itália) e Pirin Folk Ensemble (Bulgária), entre outros. Recebe prémios ligados à música para teatro e à música de tradição europeia em língua portuguesa. Em 1994 edita *Todos os Dias* e em 1996 *Taco a Taco* com o qual ganha o prémio Zeca Afonso. Edita ainda em 2000 *A Monte*. Tem uma atividade regular de concertos por vários festivais de cariz cultural, como Tranches D'Europe Express (Rouen), Les Tombées de la Nuit (Rennes), Festival 7 Nuits d'Enssence (Aigues Mortes), Festival Folk (Madrid), Festivais de Renne e Nice, Sete sóis, sete luas e Itinerari Folk (Itália), Les temps chauds (Marselha), Les Voix du Sud (Montpellier). Para lá da composição, para si e outros cantores (Misia, Camané, Mafalda Arnaut, Gaiteiros de Lisboa, Ana Moura, Cristina Branco, Pedro Moutinho, Ana Lains), tem assinado a coprodução artística de alguns álbuns e a direção artística e adaptação para português de música de séries estrangeiras de desenhos animados para televisão. No 4º trimestre de 2006 esteve reposta em cena no Teatro Maria Matos a peça de sua autoria *O dono do Nada* (estreada em 2003). Em 2007 a quando da saída do CD *Não Sou Daqui*, destacam-se os concertos na Culturgest (Lisboa) e Cité de la Musique (Paris). Em 2008 destacam-se os concertos na Festa da

Europa (Amilly) e Centro Cultural de Belém (Lisboa). Em 2009 os concertos em Barcelona (Festival da Canção de Autor), Córsega (Encontros de Música Clássica e Contemporânea) e Praga (Encontros Lusófonos). Em 2010 edita *Uma Autora, 202 Canções* e começa a desenvolver juntamente com Michales Loukovikas um trabalho de criação e pesquisa musical e cultural sobre as possíveis interações entre a música portuguesa e a grega, a música de raiz mediterrânica e as suas componentes ocidental e oriental.

Em 2011, no âmbito da preparação de Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura participa na criação do Grupo Outra Voz, iniciativa da programação da área da comunidade. Produz e traduz, juntamente com Michales Loukovikas o livro *O Ouro do Céu*, baseado no CD com o mesmo nome que tinha sido editado na Grécia em 2009 por este músico. Produz também o CD *Periplus/deambulações luso-gregas* que tem a colaboração de diversos músicos gregos e portugueses bem como da *Outra Voz*, Hélia Correia e Eleni Tsaligopoulou. Este CD é editado em fevereiro de 2012, juntamente com dois concertos de apresentação: um na Culturgest em Lisboa e outro no Centro Cultural Vila Flor, em Guimarães, com a participação especial da Outra Voz.

Michales Loukovikas

Nascido em Xante, Trácia, no seio de uma família de músicos, começou a cantar e a tocar acordeão e guitarra na banda de seu pai, com 15 anos. Formou depois alguns grupos de rock até se direcionar para a música grega contemporânea e mais tarde para o Rebético.

Apercebendo-se de que apenas tinha aprendido música ocidental, dirigiu a sua atenção para a música popular e clássica (Mediterrânica e Oriental) de base modal. Nesta viragem trabalhou, em termos de investigação, com Ross Daly (1987). Desse trabalho resulta a sua participação, logo no ano seguinte, no Symposium Internacional Musicológico sobre música Mediterrânica (Ritmos, Modos e Escalas).

Desde então participa regularmente em colóquios ligados a temáticas musicais muito variadas. Fez ainda música para teatro e cinema.

Paralelamente fez os seus estudos em Literatura Inglesa e Americana no Departamento de Estudos Ingleses do Instituto de Línguas e Literaturas Estrangeiras (Escola Filosófica da Universidade Aristotélica de Tessalónica). Trabalhou como professor de Inglês e ainda hoje trabalha como tradutor. Ainda como tradutor, começou a trabalhar em jornais, especializando-se no noticiário internacional. Dentro da área jornalística escreve ainda artigos de análise da política internacional e também crónicas históricas. Fez ainda alguns editoriais. Dentro dos artigos que produz centra-se na temática das Trocas Culturais. Da escrita de artigos

passa para a criação de programas de rádio com *Crónica de Música* e *Caminhos da Música*.

Tem, desde 1996, na Rádio Nacional de Tessalónica um programa diário (exceto fins de semana) intitulado *Viagens à volta do Mediterrâneo*, baseado nas trocas culturais no *mare nostrum* desde os tempos antigos, cruzando encontros (dentro da cultura mediterrânica e desta cultura com o resto do mundo), influências, tradição e modernidade, cultura e história. Este programa segue assim os movimentos dos povos deste espaço histórico mediterrânico em termos de mercadorias, ideias e cultura, subentendendo que as trocas foram um fator decisivo no desenvolvimento das civilizações, sendo uma herança comum.

O seu trabalho de investigação musical teve como resultado mais significativo a criação da sua obra *O Ouro do Céu*, uma viagem de Oeste a Este, a partir de vários géneros musicais, onde compõe, realiza os arranjos e a produção. Este trabalho é baseado na poesia de Ares Alexandrou. Como forma de divulgação desta poesia, fez a adaptação para inglês (única existente) dos poemas que musicou. Ares é cantado por ele próprio e ainda Helene Tsaligopoulou & Andreas Karakotas. Colaboram neste disco um total de 35 músicos entre os quais: Ross Daly, Manos Akhalinotopoulos, Kyriakos Gouventas, Kostas Theodorou e Giorgos Andreou.

Desde 2010 que trabalha com Amélia Muge na produção do livro: *O Ouro do Céu* (edição em 2011 pela editora

Salamandra) e no CD *Periplus/deambulações luso-gregas* a apresentar em fevereiro de 2012.



Culturgest, Espaço CarbonoZero®

A compensação das emissões de carbono decorrentes da utilização dos espaços da Culturgest, localizados no Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos, está integrada na estratégia do Grupo para o combate às alterações climáticas. Esta iniciativa enquadra-se num conjunto mais alargado de ações, que vão desde a inventariação das emissões associadas ao consumo de energia e ao tratamento dos resíduos produzidos nas instalações, à implementação de medidas de eficiência energética para redução das emissões. Com efeito, tem-se vindo a assistir a uma redução das emissões de carbono observando-se um decréscimo progressivo de cerca de 35% face a 2008. Esta é uma redução com tendência a acentuar-se com a implementação de um conjunto de medidas adicionais, estando prevista

uma redução total de 16 500 kWh/ano, o equivalente a cerca de 220 viagens de carro Lisboa-Porto.

Apesar de contribuírem para a redução das emissões de carbono, estas ações não são suficientes para evitar por completo estas emissões. Assim, as restantes emissões são compensadas através da aquisição de créditos de carbono provenientes de um projeto tecnológico localizado no Brasil e que cumpre os requisitos Voluntary Carbon Standard (VCS). A compensação das emissões inevitáveis da Culturgest constitui, assim, uma internalização da variável carbono decorrente da utilização dos seus espaços e contribui, igualmente, para a meta de neutralidade carbónica expressa no Programa Caixa Carbono Zero.

Mais informações em:
[www.cgd.pt/Institucional/
Caixa-Carbono-Zero](http://www.cgd.pt/Institucional/ Caixa-Carbono-Zero)



Próximo espetáculo

Top Models: Paula Sá Nogueira (um bestiário)

Um espetáculo Cão Solteiro
& André e. Teodósio

Teatro Qua 7 a Sáb 10 março
Palco do Grande Auditório · 21h30
Duração: 1h · M12



Com Paula Sá Nogueira e André e. Teodósio, entre outros atores ainda a designar

A História está cheia de nomes: Antígona, António e Cleópatra, Platonov, Hedda Gabler, Gianni Schicchi, e por aí fora. Mera literatura ou terão sido em tempos organismos vitais, biologia? Nunca os conheci e no entanto ocupam o meu condomínio cerebral. É lá que vivem. Domesticam-me. Levam vidas normais e são vizinhos de muitos e tantos nomes, todos eles arquitetos da minha subjetividade, tijolos do meu mundo. Para que o tempo que passa e arrasta consigo o esquecimento não saia a ganhar decidi registar os incógnitos, os meus, aqueles que não se sabe se ficarão para a História, mas que passarão a ter um bilhete de identidade e a pagar quotas. Pelos anos que me restam, vou dedicar-me a este trabalho: transformar

os amigos em protagonistas de coisas que ficam por contar. Chamo-lhe TOP MODELS.

Paula Sá Nogueira será a segunda habitante a tomar uma forma, depois de *Susana Pomba* (um mito urbano). A forma de um bestiário. André e. Teodósio

Depois de *Shoot the Freak* em 2010, o Cão Solteiro e André e. Teodósio regressam à Culturgest.

Cão Solteiro é uma casa que habita o interior de uma loja e de várias cabeças. Aí se fabricam ideias, futuros, objetos bonitos e feios, frases, figuras, situações, outras casas imaginadas, segredos públicos, mapas pessoais, saídas de emergência, dívidas, problemas. Cão Solteiro é essencial na sua absoluta inutilidade pública. We Are Not Amused.

André e. Teodósio é membro do Teatro Praga. Encenou teatro e ópera. Escreveu *Cenofobia* para os PANOS 2010.

Conselho de Administração

Presidente

Fernando Faria de Oliveira

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Ricardo Guerreiro

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

Alcino Ferreira

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo



GUIMARÃES 2012
MUSEU DA CIÊNCIA E DO DESENVOLVIMENTO



SPAUTORES
Sociedade por Acção